



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III GUARABIRA-PB
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

**O ensino de Língua Portuguesa: um estudo sobre a prática docente e a
inclusão de alunos com deficiência**

VIVIANE PEREIRA GALDINO

GUARABIRA - PB
2014

VIVIANE PEREIRA GALDNO

**O ensino de Língua Portuguesa: um estudo sobre a prática docente
e a inclusão de alunos com deficiência**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciatura. Orientadora: Prof^a Ms Giovanna Barroca de Moura

**GUARABIRA- PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que a produção figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G149e Galdino. Viviane Pereira

O ensino de língua portuguesa[manuscrito] : um estudo sobre a prática docente e a inclusão de alunos com deficiência / Viviane Pereira Galdino. – 2014, Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

“Orientação: Giovanna Barroca de Moura, Departamento de LETRAS”.

1. Educação Inclusiva. 2. Formação de Professores. 3. Língua Portuguesa. I. Título.

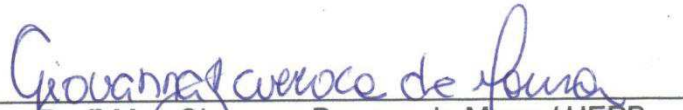
21. ed. CDD 410


VIVIANE PEREIRA GALDINO


**O ensino de Língua Portuguesa: um estudo sobre a
prática docente e a inclusão de alunos com deficiência**

Aprovada em 18 de Julho de 2014

BANCA EXAMINADORA


Profª Ms. Giovanna Barroca de Moura/ UEPB
Orientadora


Profª Dr. Marta Furtado da Costa/ UEPB
Examinadora


Profª Ms. Débora Regina Fernandes Benício/ UEPB
Examinadora

Aos meus pais, João Galdino
Sobrinho e Maria Lúcia Pereira
Galdino, pela dedicação,
companheirismo, amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a DEUS, por ter me proporcionado grandes momentos e por ter me presenteado com saúde e inteligência. Pela humildade e perseverança que me foi concedida para desenvolver esse trabalho.

Aos meus pais (João Galdino Sobrinho e Maria Lúcia Pereira Galdino) que são minha razão de viver, meu alicerce, pessoas que estão comigo a todo momento me incentivando e apoiando em todos meus objetivos.

A meus irmãos (Vanderli Pereira Galdino, Vanderléia Pereira Galdino, Valter Pereira Galdino e Vanusa Pereira Galdino), pela dedicação, compreensão e paciência para comigo nos momentos de estresse e pelo companheirismo que nos faz ser uma alma existente nos corpos de cinco pessoas.

À meu pequeno sobrinho (Vinícius Galdino de Oliveira), o anjo que me inspira em momentos difíceis.

À professora Ms Giovanna Barroca de Moura pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e por ter depositado confiança em mim para realização deste trabalho.

Aos professores do Curso de Letras da UEPB, que contribuíram ao longo de quatro anos, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos professores (Vanderli Pereira Galdino, Joabe Pina da Silva, Antônio P. P. Júnior, Marconildo Luiz Viegas e Gerlane Santos Freire de Carvalho), pela disponibilidade em me conceder essa entrevista, à todos meu enorme agradecimento.

Aos meus amigos que direta ou indiretamente contribuíram para esse trabalho e em especial à minha turma 2011.1 por cada momento de amizades e compartilhamentos de grandes momentos, e apoio em todas as horas.

“A escola tem que ser esse lugar em que as crianças têm a oportunidade de serem elas mesmas e onde as diferenças não são escondidas, mas destacadas.”
Mantoan (2003).

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral discutir a formação do professor de português do ensino Fundamental II voltada para os alunos com necessidades especiais. Para melhor compreender a real situação, houve a necessidade de elaborar uma pesquisa com fundamentos voltados para saber quais as dificuldades existentes e quais são as causas. A investigação envolveu professores atuantes na educação fundamental II e no ensino médio em duas escolas, localizadas em dois municípios: Riachão do Poço PB e Guarabira PB, visando levantar informação sobre o ensino inclusivo e as dificuldades existentes no meio. O resultado encontrado foi que os professores entrevistados em sua maioria, relataram que passam por muita dificuldades, seja referente a falta de experiência ou a falta de recursos materiais em sala de aula, mas no entanto não lhes faltam a força de vontade em colaborar para o avanço da aprendizagem dos estudantes com necessidades educacionais especiais.

Palavras-chaves: Educação Inclusiva, formação de professores, Língua Portuguesa, Ensino Fundamental.

ABSTRACT

This work has as main objective to discuss the formation of the Portuguese teacher of elementary education II focused on the special needs student. To better understand the real situation, it was necessary to draw up a research foundation aimed to find out which existing and what are the causes difficulties. The research involved teachers working in elementary education and II in high school in two schools located in two municipalities: Riachão Pit Guarabira PB and PB, aiming to raise information on inclusive education and the difficulties in the middle. The results found that the teachers interviewed was mostly reported to undergo a lot of difficulties, referring to lack of experience or lack of material resources in the classroom, yet they do not lack the will to collaborate in advance the learning of students with special educational needs.

Keywords: Inclusive Education, Teacher Training, Portuguese Language, Elementary Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 PROCESSO DE INCLUSÃO NA ESCOLA.....	13
2.1 o sucesso da inclusão vai além da sala de aula.....	15
2.2. A escola inclusiva e a sociedade.....	17
2.3 Problemas mais frequentes encontrados por professores em ensinar turmas inclusiva.....	17
2.4 Subsídios para uma educação inclusiva de qualidade.....	20
3 METODOLOGIA.....	26
3.1 Caracterização da Pesquisa.....	27
3.2 Sujeitos da pesquisa.....	27
3.3 Instrumentos de coletas de dados.....	27
3.4 Procedimentos metodológicos.....	28
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	39
APÊNDICE.....	42

1 INTRODUÇÃO

A inclusão nada mais é do que um meio para garantir e reconhecer igualmente o direito de cada indivíduo, desenvolvendo valores e atitudes em uma dimensão onde se procura enfatizar possibilidades de interação entre cada pessoa dando apoio e acolhimento de acordo com as necessidades de cada um.

A inclusão escolar traz sugestões para que a escola passe por transformações e construções, se desenvolvendo pelas diferenças ali existentes. Essas sugestões implicam algumas mudanças tais como: mudanças de atitudes, mudanças nas práticas pedagógicas, mudanças e adaptações na estrutura física da escola e ainda na formação e valorização dos profissionais da educação. Nas últimas décadas as políticas públicas têm sido direcionadas para a inclusão de crianças e adolescentes com necessidades educacionais.

Refletindo sobre esse processo de inclusão, são várias as discussões em torno deste tema: na política pública, no meio social, no meio educacional e no meio cultural, em todos os âmbitos, tentando encontrar solução para a inclusão, garantindo educação para todos, em uma mesma sala de aula adaptando as práticas pedagógicas as necessidades de todas as crianças e adolescentes. Diante dessa problemática assim construímos o problema: “como trabalhar as práticas de ensino para atender aos alunos com necessidades especiais em sala de aula comum”? Tendo como objetivo geral discutir a formação do professor de português do ensino Fundamental II voltada para os alunos com necessidades especiais, como objetivos específicos: conhecer as políticas educacionais de inclusão de alunos com necessidades especiais; identificar no currículo escolar práticas de ensino que favoreçam o trabalho com inclusão facilitando o trabalho do professor; discutir sobre a

formação e valorização do docente e a importância do seu papel na inclusão de crianças e adolescentes em sala de aula comum.

A escolha do tema justifica-se por ser um tema que vem sendo discutido de diversas formas e por haver uma grande necessidade educacional especializada para atender crianças e adolescentes com necessidades especiais em sala de aula comum.

Percebe-se que, a educação inclusiva não são só as mudanças da estrutura física da escola ou nas práticas de ensino-aprendizagem, mas nos valores e atitudes envolvendo o cotidiano da criança e do adolescente com ou sem necessidades especiais. Estes precisam aprender e, se desenvolver no aspecto pessoal e social tendo acesso ao conhecimento e à cultura se relacionando em um mesmo espaço escolar (BRASIL, 2005).

2 PROCESSO DE INCLUSÃO NA ESCOLA

Segundo Mazzotta (2005), desde 1854 foi tomada a primeira providência para inserir em sala de aula os alunos com qualquer tipo de deficiência, essa iniciativa se deu na cidade do Rio de Janeiro, onde foi criado um instituto para meninos cegos, que atendia a várias crianças com deficiência visual, dando-lhes a oportunidade de aprenderem a ler, escrever e também desenvolver algumas habilidades no setor profissional. Em seguida, criaram um instituto para surdos-mudos, também localizado no Rio de Janeiro, instituto esse que cresceu rapidamente, desde então o referido Instituto era voltado para a educação literária e profissionalizante.

A Constituição Federal de 1988 estabelece garantias de ensino de qualidade aos alunos portadores de todo tipo de deficiência e estabelece que é obrigatória a assistência social a quem precisar independente de contribuição à seguridade social, visando a integração dessas pessoas na vida social e comunitária, proporcionando às mesmas oportunidades de ingressar no mercado de trabalho como indivíduos “normais”, e isso é obrigação não somente do sistema escolar, mas também da família, da sociedade e do estado.

A educação é uma questão de direitos humanos, e os indivíduos com deficiências devem fazer parte das escolas, as quais devem modificar seu funcionamento para incluir todos os alunos. (STAINBACK ; STAINBACK, 1999, p.21)

Mas será que nossa sociedade tem a disposição uma educação de qualidade em que os professores tenham seus direitos garantidos, tenham recursos necessários para ensinar e os alunos por sua vez, possuem material específico para estudar? Será que as escolas são projetadas para o livre acesso dos estudantes com necessidades educacionais?

Quando se fala em educação inclusiva, pensamos inicialmente na qualidade do ensino nas redes regulares, e vários são os questionamentos a serem lançados: formação do professor, qualidade do ambiente escolar, relação professor-aluno, entre outros. O problema começa desde a formação

do professor, passa pelos recursos que é de responsabilidade da escola oferecer para que se possa trabalhar com os alunos, e a relação entre família, sociedade, escola e aluno. Incluir não é apenas colocar um aluno com deficiência em uma sala de aula regular, é promover a interação dos alunos com deficiência com os alunos considerados “normais”, estabelecendo uma relação de igualdade entre eles. Os professores são muitas vezes responsabilizados pelos problemas, pois geralmente o fracasso do aluno é retribuído ao mau trabalho do professor, no entanto o professor é apenas o transmissor de informações, pois na verdade a educação só pode progredir se houver a união e colaboração de todos que compõe o ambiente escolar.

São vários os desafios a se romper para trabalhar com a educação inclusiva: a falta de equipamentos adequados para cada tipo de dificuldades, a inexperiência dos professores com alunos com deficiência, a superlotação das salas, a falta de acesso aos prédios educacionais, entre outros.

Outra problemática que dificulta o trabalho do professor é a falta de conhecimento prévio da turma, faz-se necessário que o professor tenha conhecimento ou ao menos uma noção do que os alunos gostam de fazer, para assim aumentar as chances de desenvolvimento da aprendizagem.

As aulas que são planejadas considerando o conhecimento prévio e os interesses dos alunos aumentam o envolvimento e a compreensão dos alunos. (STAINBACK ; STAINBACK, 1999, p.342).

O processo de inclusão vai muito além das responsabilidades públicas, sabe-se que recursos financeiros são essenciais, porém a socialização dos indivíduos envolvidos com a educação, colabora muito para o avanço da aprendizagem. A consciência de que todo indivíduo tem direitos iguais perante a lei, faz muita diferença na vida escolar dos discentes, espera-se que o avanço da inclusão seja buscado pelos governantes, assim como por cada profissional que esteja envolvido com a educação.

A sociabilidade é um jogo em que se faz como se todos fossem iguais e ao mesmo tempo como se cada um fosse honrado em particular... (FRANÇA ; AGLIUCA, 2008,p.23)

Até o início do século 21, o sistema educacional do Brasil era composto por duas formas de educação, a regular e a especial, havia uma separação entre os alunos sem deficiência e com deficiência, estando aí bem visível a exclusão, na qual era vedado o direito de convivência e de relação entre alunos com deficiência e os alunos ditos normais. A partir de 1994 o sistema de ensino brasileiro implantou a educação inclusiva que compreende ensino de todo e qualquer tipo de aluno no mesmo ambiente de ensino que aqueles que não apresentam deficiência.

A educação inclusiva favorece a socialização entre os indivíduos na medida em que considera todos iguais, pois o importante é a aprendizagem e o respeito pelo próximo. Apesar de muitas lutas e obstáculos enfrentados pelos professores e pela sociedade, a educação inclusiva vem alcançando uma evolução, mesmo a passos lentos percebe-se que os professores estão se empenhando para que os alunos com deficiência possa se sentirem verdadeiramente incluídos.

O fim gradual das práticas educacionais excludentes do passado proporciona a todos os alunos uma oportunidade igual para terem suas necessidades educacionais satisfeitas dentro da educação regular. O distanciamento da segregação facilita a unificação da educação regular e especial em um sistema único. Apesar dos obstáculos, a expansão do movimento da inclusão, em direção a uma reforma educacional mais ampla, é um sinal visível de que as escolas e a sociedade vão continuar caminhando rumo a práticas cada vez mais inclusivas. (STAINBACK; STAINBACK, 1999, p.44)

2.1 O sucesso da inclusão vai além da sala de aula

É preciso que os municípios juntamente com a Secretaria de Educação elaborem uma política pública educacional voltada para as necessidades especiais dos alunos com deficiências, na qual essa forma de educar possa suprir as reais necessidades dos mesmos; a escola é responsável pelo processo de ensino e aprendizagem dos alunos, porém não é dispensável a colaboração da família e da sociedade, pois os pais colocam os filhos na escola com o interesse que eles sejam motivados a desenvolver algum tipo de profissão e que através da educação as crianças e ou adolescentes se

distanciem da violência, das drogas e de tantos outros males que assolam a sociedade, mas para que isso aconteça, é preciso que esse aluno receba uma boa base familiar que reconheça seus direitos e deveres, pois a escola não pode nem deve ser responsabilizada unicamente pela inclusão, até porque a inclusão não se limita no âmbito escolar, mas compreende toda vivência humana seja ela no trabalho, na escola, ou em qualquer lugar que estivermos. A escola não é apenas um meio pelo qual se ensina o aluno a ler e escrever, é o caminho que direciona o sujeito para o meio social e a partir daí criar uma sociedade de cultura e respeito ao próximo.

A escola é uma instituição social com objetivo explícito: o desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, por meio da aprendizagem dos conteúdos (conhecimentos, habilidades, procedimentos, atitudes), para tornarem-se cidadãos participativos na sociedade em que vivem. (LIBÂNEO, 2007, p 300)

Não é possível prever um método totalmente viável para suprir o desenvolvimento de todo e qualquer aluno, sabendo-se que cada tipo de deficiência e dificuldade deve ser tratado de forma diferente. A relação professor-aluno é de suma importância para o avanço do desenvolvimento da aprendizagem do aluno. É importante que o professor desenvolva metodologias de ensino que respeitem os limites de aprendizagem de cada aluno para que os alunos com deficiência possam atingir o mesmo nível de aprendizagem dos demais considerados normais.

A participação das famílias dos alunos deficientes na escola precisa ser ativa, e a partir de reuniões, questionamentos e sugestões, que se pode identificar muitos problemas e elaborar projetos que venham solucionar muitos outros; essa prática ajuda tanto aos alunos como também propicia novos horizontes aos educadores, na medida em que as experiências forem compartilhadas.

2.2. A escola inclusiva e a sociedade

A escola prepara o aluno para a sociedade e esta para a escola, uma vez que uma sociedade bem educada direciona seus filhos para um bom comportamento, e a partir daí, refletir no comportamento com relação ao respeito e a convivência com o próximo, a educação inclusiva precisa ser concebida como um tipo de educação que promova a solidariedade entre as pessoas, na qual o educando se torne apto para viver em grupo, respeitando e aceitando as dificuldades de seus colegas.

Uma sociedade inclusiva tem consciência de que quando uma criança e ou adolescente convive e partilha os mesmos espaços e atividades, são capazes de compreender e se solidarizar criando laços de amizade e superando as dificuldades. A escola inclusiva não é responsável apenas por ensinar os conteúdos para seus educandos, mas também ensina-los a viver e transmitir os saberes adquiridos na escola.

Uma escola democratizada busca desconstruir a exclusão e construir a unificação entre os educandos, transmitindo conhecimento e valores que serão refletidos na sociedade, em forma de valores educacionais.

A escola inclusiva alarga os horizontes, levando o mundo para dentro da escola, preparando o aluno para os conhecimentos de mundo, mostrando-os como eles são capazes de desempenhar várias funções no mercado do trabalho. A escola é a ponte entre a comunidade e a sala de aula, um bom aluno é por sua vez uma pessoa educada no meio social, na qual respeita os limites de seus próximos.

2.3 Problemas mais frequentes encontrados por professores em ensinar turmas inclusivas

Segundo Stainback e Stainback (1999), os professores experientes em ensinar a turmas inclusivas, relatam que os problemas mais frequentes no controle das turmas são: elaborar os conteúdos de formas diferentes de acordo com as necessidades e limitações dos alunos; promover uma boa relação entre os alunos portadores de deficiência e os considerados “normais”, para que não haja nenhum tipo de preconceito entre eles; saber lidar com alunos que tem um comportamento agressivo causado por algum tipo de deficiência, geralmente

deficiência mental, dificulta o trabalho do professor, principalmente nas escolas onde há apenas um professor em sala.

Observa-se que a educação inclusiva ainda passa por vários problemas. Incluir é reverter a exclusão, e é com muita luta, movimentos e perseverança que se constrói uma sociedade inclusiva. Não basta a escola possuir e disponibilizar materiais para os estudantes com deficiência, ex: acesso a todos os departamentos da escola, armários baixo para que o cadeirante possa utilizar sem ajuda dos colegas, banheiros adaptados, entre outros objetos básicos, mas é necessário uma mudança de atitudes por parte das pessoas que fazem a educação. A “comunidade” escolar é uma família fora de casa, é uma base que precisa funcionar como um grupo e nunca com o individualismo.

É preciso que os governantes cumpram as leis aplicando os investimentos igualmente atendendo as necessidades não somente dos alunos normais, mas também daqueles que precisam de cuidados específicos.

O professor é o elemento principal para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem do aluno, por isso é necessário que os governantes invistam cada vez mais na formação deles, um professor de português (principalmente da rede pública) tem uma grande responsabilidade, pois o ensino de língua portuguesa é muito amplo, no qual compreende gramática, literatura, leitura, escrita, etc, em sua maioria conta com apenas um profissional para atender toda essa demanda. Ele não recebe uma formação acadêmica que o prepare para ensinar pessoas com deficiência, saem da faculdade com pouca ou nenhuma experiência, porém é com a prática e a convivência com os alunos no dia a dia, que o professor se torna profissional para o exercício de sua função.

Entre os diversos problemas advindos do sistema e até mesmo dos órgãos públicos, também observa - se a exclusão causada por parte dos colegas de classe que muitas vezes não querem trabalhar em grupos que tenham alunos deficientes, com receio que estes não contribuam igualmente com o mesmo desempenho que aqueles.

O ideal é que os relacionamentos surgissem de forma natural, porém nem sempre acontece assim, em algumas situações percebe-se uma separação entre deficiente e não deficiente, essa situação acaba gerando um

desconforto, prejudicando o rendimento da aprendizagem daqueles que são vítimas.

Não só os alunos como também toda equipe da escola são vulneráveis a certo tipo de preconceito, muitas vezes não intencional, porém até mesmo o sentimento de pena causa ao deficiente um desconforto e um sentimento de inferioridades.

A maioria das pessoas não compreende que as diferenças são na melhor das hipóteses, superficialmente amigáveis ou neutras e, na pior das hipóteses, insensíveis e cruéis. Quando essa lacuna for preenchida com informações positivas, o preconceito e o desconforto serão reduzidos ou desaparecerão. (STAINBACK ; STAINBACK,1999,p 418).

A escola é composta por uma grande equipe na qual compreende desde o diretor ao auxiliar de serviços, todos tem seu papel significativo para o desenvolvimento da educação em geral, porém isso não pode ser compreendido como uma hierarquia e sim uma junção de conhecimentos principalmente entre aqueles que estão diretamente ligados aos alunos.

Muitas vezes existe um grau de superioridade entre algumas funções, principalmente entre diretores e professores, na qual o diretor é o sujeito que impõe as regras dentro do seu setor, porém na sala de aula o professor se sente o chefe e não aceita sugestões nem intervenção. Existem salas de aula do ensino regular que os professores dividem entre si as responsabilidades, isso acontece principalmente nos colégios que dispõem de professor de libras e ou braile, para auxiliar os alunos com limitações, e muitas vezes observa-se que um professor titular sempre se considera líder, no entanto deixa de existir o trabalho cooperativo entre eles, com isso lança-se a pergunta: como pregar a igualdade em um local em que os próprios companheiro de trabalham se sentem superiores perante aos outros?

No âmbito do professor, deve haver uma preocupação similar pela igualdade entre os parceiros. É importante que qualquer percepção de hierarquia seja claramente rejeitada quando a participação cooperativa no ambiente de ensino for desejada. Quando dois professores cooperam em uma classe, é fundamental que evitamos a percepção de um deles como “assistente”. Os visitantes (incluindo o diretor) podem ir e vir,

mas a sala de aula é o território do professor. Para o professor sentir-se à vontade em um ambiente de ensino cooperativo é necessária uma mudança definitiva nas atitudes e uma renúncia ao controle individual das salas de aula. (STAINBACK ; STAINBACK, 1999, p 136)

2.4 Subsídios para uma educação inclusiva de qualidade

O modo como uma escola é dirigida faz muita diferença no resultado da evolução da aprendizagem do aluno, embora sabe-se que as escolas não são iguais, mas existe algumas características que devem ser observadas para melhorar a situação da educação. Vejamos algumas:

Elaborar projetos pedagógicos que possa trabalhar em grupos promovendo a interação dos alunos para que ninguém se sinta excluído.

Um clima cordial de trabalho entre os professores e membro da escola, também contribui positivamente para o desenvolvimento do trabalho docente, principalmente quando o professor tem a mente aberta para aceitar e dá opinião que venha contribuir ao trabalho e melhoria da aprendizagem.

A disponibilidade de recursos tecnológicos, biblioteca e principalmente condições de locomoção aos deficientes são de suma importância para o bom desempenho do ensino-aprendizagem.

[...] a qualidade do ensino depende de mudanças no âmbito da organização escolar, envolvendo a estrutura física e as condições de funcionamento, a estrutura e a cultura organizacionais e as relações entre alunos, professores e funcionários. É a escola como um todo que deve responsabilizar-se pela aprendizagem dos alunos, especialmente em face dos problemas sociais, culturais e econômicos que afetam atualmente os estabelecimentos de ensino. (LIBÂNEO, 2007, p.30)

A escola é obrigada a receber uma grande diversidade de alunos e estes não são obrigados a mudar ou superar suas limitações para se adaptarem a escola; são os professores que precisam enxergar a necessidade de ampliar seus conhecimentos e ideias para alcançar a evolução da

aprendizagem, mesmo com as diferenças, porque é com o desigual que se aprende, são as diferenças que fazem o ser humano buscar a solução para o problema. Receber em sala de aula um aluno com deficiência é um desafio para o professor; e quando essa deficiência é intelectual o desafio aumenta, pois para os surdos, pode trabalhar com a Língua Brasileira de Sinais (Libras), para os cegos o braile é um recurso básico, para os deficientes físicos existe a adaptação no ambiente escolar e nos materiais necessários para as atividades, mas para os deficientes mentais a dificuldades é bem maior, o professor apoia-se inicialmente, nos diagnósticos médicos e para a partir daí, entender quais são as dificuldades dos alunos e os meios pelos quais eles aprendem, para isso poder ampliar as possibilidades de aprendizado dos mesmos.

Há diferentes formas de aprendizagens, cada aluno aprende de uma forma diferente. Uma das dificuldades mais constantes, principalmente para os que possuem deficiência mental, é a falta de concentração, geralmente esses alunos são inquietos e precisam de espaço organizado para se locomoverem; uma das estratégias para manter os alunos atentos é desenvolver atividades nas quais chame a atenção deles, ex: jogo de tabuleiro, quebra-cabeça, atividades com música, dramatização entre outras que estimulem o envolvimento dos mesmos. É de suma importância que os alunos trabalhem sempre em grupos para que ninguém se sinta excluído.

As estratégias de classe, como a aprendizagem cooperativa, os círculos comunitários, os parceiros de trabalho, as atividades organizadas no almoço e no recreio, o trabalho compartilhado e as designação de lição de casa em grupo ajudam as interações entre os alunos, assim como os arranjos do espaço de sala de aula que incluem mesas compartilhadas, mesas redondas e área de estudo em grupo, em vez de carteiras individuais. (STAINBACK ; STAINBACK,1999, p187)

A meta é que o aluno esteja sempre envolvido em alguma atividade; mesmo que seja simples, porém que contenha algum desafio. De acordo com a sequência das atividades o aluno vai se envolvendo e se interessando e com isso aumentando a capacidade de se concentrar e aprender.

O professor deve estimular o aluno a escrever, não importa o que, e nem como, o essencial é desenvolver a atividade e juntamente com os demais

colegas de classe, adquirir conhecimento, pois o convívio e a boa relação entre eles, só tem a acrescentar como seres humanos.

[...] nas salas de aula integradas, todas as crianças enriquecem-se por terem a oportunidade de aprender umas com as outras, desenvolvem-se para cuidar umas das outras e conquistam as atitudes, as habilidades e os valores necessários para nossas comunidades apoiarem a inclusão de todos os cidadãos (STAINBACK ; STAINBACK, 1999,p22)

O objetivo de incluir é garantir que todo aluno independente de seu condicionamento, esteja incluso em toda e qualquer atividade da escola, todo aluno independente de ser deficiente ou não, tem um ritmo de aprendizagem diferente, o professor precisa ter consciência de que ele não se torna incapaz por ser deficiente, sabe-se que existem dificuldades, mas não está limitado a nenhum tipo de aprendizado, todo ser humano, independente de seu condicionamento físico e ou mental tem a possibilidade de alcançar seus objetivos. É com as experiências no seu cotidiano e em sala de aula que o indivíduo evolui e passa a exercer seu “papel” na sociedade, o conhecimento e o processo de aprendizagem pelo qual o aluno passa durante toda sua história como aluno, faz toda diferença na forma de interagir com as pessoas. A experiência humana contribui para que o sujeito seja bom ou ruim, se o aluno conviver em um ambiente em que haja respeito, a tendência é que ele seja uma pessoa de bom caráter, se ele conviver em um ambiente de discriminação, indiferença, falta de respeito ao próximo, essa pessoa tem grande chance de desenvolver um sentimento negativo com relação às pessoas; afinal somos aquilo que vivenciamos.

Não nascemos humanos, nos fazemos. Aprendemos a ser. Todos passamos por longos processos de aprendizagem humana. Se preferimos, toda criança nasce humana, mas isso não basta: temos que aprender a sê-lo. (ARROYO, 2008, p53)

Faz-se necessário que as escolas (membros que fazem parte da educação) tratem os alunos de forma igualitária. Esta atitude pode minimizar a

exclusão, e este é um dos objetivos da educação inclusiva; quando o aluno se sente à vontade diante dos demais, ele tem a probabilidade de se expressar melhor, tirar as dúvidas, expor seus pensamentos e respeitar uns aos outros.

Quando as escolas incluem todos os alunos, a igualdade é respeitada e promovida como um valor na sociedade, com os resultados visíveis da paz social e da cooperação. (STAINBACK ; STAINBACK, 1999, p27)

Para alcançar uma educação de qualidade é preciso fazer grandes mudanças na formação do professor, pois as instituições de ensino preparam os discentes para serem futuros professores de alunos normais, esquecendo aqueles que possuem deficiência. Precisa-se entender que o ensino básico compreende todo e qualquer tipo de aluno, seja ele normal ou deficiente.

A EE é parte da educação básica geral, e a escola tem por uma de suas responsabilidades organizar-se de forma que permita aos educandos a aprendizagem de conteúdos específicos de cada nível educativo. (RODRIGUES, 2006, ps 36-37)

Seria importante que os órgãos de formação acadêmica colocassem em sua grade curricular cadeiras preparatórias voltadas para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais, com isso minimizava as dificuldades, tanto para o professor quanto para o aluno. Com a educação que se tem hoje, o professor acaba se atrasando muito pois, é só com a experiência que o professor adquire conhecimento e com isso acaba atrasando todo processo de ensino aprendizagem.

Para alcançar uma educação de qualidade, é preciso fazer grandes mudanças na formação do professor, nas atitudes de toda equipe que faz a escola funcionar e no convívio dos familiares dos deficientes.

A educação inclusiva precisa ser entendida como parte da educação em geral, e não como um sistema separado no qual os alunos são vistos como pessoas com limitações, incapazes de evoluir e absorver conhecimento. O que

os alunos com deficiência precisam é de acessibilidade no âmbito escolar para assim concretizar suas habilidades igualmente a todos seus colegas de classe.

Ensinar ao aluno que tem algum tipo limitação física e ou psicológica não é tarefa fácil, principalmente para o professor que não teve uma formação voltada para o ensino inclusivo. Muito se fala em educação para todos, mas parece que se esquecem que existem muitos alunos que precisam de um acompanhamento diferenciado para desempenhar suas habilidades, visto que em alguns lugares a formação acadêmica ainda não qualifica o professor para lidar com alunos com necessidades educacionais especiais, esses professores necessitam de liberdade para poder trocar experiências uns com os outros e a partir da troca de conhecimentos, levar aos alunos a melhor qualidade de ensino.

Muitos professores sentem-se alienados nas escolas porque a ética do ensino proporciona poucas ou nenhuma oportunidade para a interação cooperativa destes profissionais. A colaboração permite-lhes a consulta um ao outro e proporciona-lhes apoio psicológico. (STAINBACK; STAINBACK,1999,p25)

Quando existe o coleguismo os benefícios são muitos, a colaboração e o companheirismo dos colegas de profissão propiciam grandes transformações; sabendo que enquanto maior o números de pessoas, maior será a variedade de conhecimento.

A escola não é capaz de transformar 100% da qualidade educacional dos alunos deficientes, mas pode acolher as diferenças e a partir daí elaborar uma pedagogia que corrobore com as necessidades educacionais de cada aluno com os mais diferentes tipos de deficiências, precisa-se de uma pedagogia voltada para as necessidades dos alunos, da família e também da sociedade, porque o fracasso do estudante é refletido na mal construção de uma sociedade.

A escola inclusiva possibilita ao aluno expressar seus conhecimentos e expor suas ideias e assim facilitar o progresso do trabalho do professor, pois se

sabe que quando se conhece as dificuldades e virtudes dos alunos, tudo se torna mais fácil.

3 METODOLOGIA

Neste trabalho tendo como finalidade maior familiaridade com o problema, foram utilizados dois procedimentos de pesquisa: o levantamento bibliográfico e, também, a utilização de entrevistas com professores da rede pública das cidades de Riachão do Poço PB e Guarabira PB. Essas pesquisas podem ser classificadas como: pesquisas bibliográficas e pesquisa de campo. (GIL, 2007)

Na pesquisa bibliográfica foi feito um levantamento na literatura nacional, através de livros, revistas, artigos da SCIELO, LILACS-BIREME e Google Acadêmico, que falam sobre as temáticas: inclusão na escola, inclusão na sociedade, educação inclusiva de qualidade, a relação entre professor e turmas inclusivas. Os seguintes termos de pesquisa (palavras-chaves e delimitadores) foram utilizados várias combinações:1. Inclusão e escola; 2. Professor e inclusão; 3. Educação inclusiva.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, uma vez que para delinear sobre o corpo e sua relação com o corpo e sua relação com o brincar na escola, pode trazer para o fazer pedagógico uma possibilidade real de sentido, e para esse fim, necessitamos de investigação e interpretação de literaturas sobre o tema. Para Carvalho (2006):

A pesquisa bibliográfica é a atividade de localização e consulta de fontes diversas de informação escrita, para coletar dados gerais ou específicos a respeito de determinado tema. A etimologia grega da palavra BIBLIOGRAFIA (*biblio*=livro; *grafia*=descrição, escrita) sugere que se trata de um estudo de texto impresso. Assim, pesquisar no campo bibliográfico é procurar no âmbito dos livros e documentos escritos as informações necessárias para progredir no estudo de um tema de interesse (Carvalho, 2006 p, 100)

Desta forma, a educação inclusiva serviu como embasamento para que este trabalho se caracterizasse de forma satisfatória, contribuindo para que as relações do aspecto lúdico sobre o intelecto humano sejam totalmente desenvolvidos, conforme uma perspectiva multidisciplinar nas instituições de educação.

A pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com recurso de diferentes tipos de pesquisa (pesquisa *ex-post-facto* pesquisa-ação, pesquisa participante) (FONSECA, 2002).

3.1 Caracterização da Pesquisa

Essa pesquisa foi realizada em dois municípios: Riachão do Poço - PB e Guarabira- PB nas escolas João Ferreira Alves e Centro Educacional Osmar de Aquino respectivamente, que ensinam do sexto ano do fundamental ao terceiro ano no ensino médio, professores que trabalham com criança e adolescente com diferentes tipos de deficiências.

3.2 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram: sujeito 1, tem trinta e sete anos, casada possui ensino superior; sujeito 2 com quarenta e três anos divorciado, possui ensino superior; sujeito 3, possui trinta anos, solteiro e pós-graduado; Sujeito 4, tem trinta e sete anos, solteiro e pós graduado e sujeito 5 com trinta anos, casada, possui ensino superior incompleto. Todos se disponibilizaram a prestar informação para essa pesquisa.

3.3 Instrumentos de coletas de dados

Esta investigação contou com a utilização de um questionário com perguntas fechadas referentes às questões sócio-demográficas e também, questões abertas para uma coleta maior de informação dos professores que foram entrevistados sobre a temática em questão. O questionário foi um instrumento importante para a coleta e análise das respostas dos professores

entrevistados. Através do questionário se pode ter uma visão, se não total, mas bem aproximada da realidade.

3.4 Procedimentos metodológicos

Para execução dessa pesquisa, inicialmente foi realizada uma visita a escola, com a finalidade de obter informações acerca da quantidade de professores de português inseridos no ensino fundamental e médio. Em seguida foi convidado cinco professores (as) para responder o questionário. Ao final da entrevista houve o agradecimento aos educadores (as) pela sua participação.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com os dados coletados, organizamos as questões para apresentar os resultados.

Questão Nº 01

Sua formação acadêmica contribuiu para seu desempenho com relação a execução de sua função como educador(a) de alunos com deficiência especial?

Sujeito 1: “*Não*”

Sujeito 2: “*Só na prática*”

Sujeito 3: “*Sim*”

Sujeito 4: “*Não, foi muito precária, tive que ler e me aprofundar no assunto para poder entender esses educandos*”

Sujeito 5: “*Infelizmente, não.*”

Com o resultado da primeira pergunta, podemos concluir que a formação acadêmica em sua maioria, não contribui para a formação dos docentes com relação ao conhecimento específico em educação de alunos portadores de deficiência.

Questão Nº 2

A lei afirma que é dever do estado oferecer atendimento educacional aos portadores de deficiência, de preferência na rede regular de ensino. (BRASIL, 2003). Do seu ponto de vista, seu aluno que possui deficiência, esta incluso ou integrado em sala de aula?

Sujeito 1: “*integrado, pois a escola não dispõe de recursos suficientes para trabalhar com eles*”.

Sujeito 2: “*incluso.*”

Sujeito 3: “*Incluso*”.

Sujeito 4: *“Integrado, falta ainda muita coisa, a rampa da frente da escola, rampas por dentro da escola, bebedouros adaptados,etc.”*

Sujeito 5: *“Integrado, apesar da lei existir, as escolas não tem estrutura física para receber alunos com deficiência.”*

Nesta questão, observa-se que a maioria dos entrevistados relatou que os alunos se encontram integrados em sala de aula, pois ainda falta muita coisa à se fazer. Segundo Amaral (2001) a prática inclusiva ainda esbarra resistência em mudanças, causando sofrimentos e angústias. As escolas demonstram boa vontade em receber estudantes com necessidades educacionais especiais, porém não conseguem organizar uma ação pedagógica diferenciada que atenda a todos os alunos seja normal ou deficiente, pois a inclusão exige que o professor ajuste o fazer pedagógico às necessidades dos alunos.

Questão Nº 3

Quais são as dificuldades mais frequentes que o (a) senhor (a) enfrenta para desenvolver as atividades de língua portuguesa com seus alunos portadores de deficiência?

Sujeito 1: *“Falta de intérprete, pois trabalho com alunos que possuem deficiência auditiva.”*

Sujeito 2: *“Nenhuma, pois os alunos eram normais a deficiência é apenas fisicamente.”*

Sujeito 3: *“Falta ou ausência de intérprete em sala.”*

Sujeito 4: *“O curso de libras que não tenho, pois na época a faculdade não oferecia e o governo não investiu no curso de libras dado pela FUNAD para fazer na própria escola.”*

Sujeito 5: *“O que posso dizer é que as dificuldades são imensas, primeiro porque em nossa formação não recebemos orientações para desenvolver um trabalho com alunos deficientes.”*

De acordo com o que foi relatado pelos professores, o maior problema enfrentado por eles é a falta de intérprete para trabalhar com os alunos com deficiência auditiva, (que é a deficiência mais frequente entre os alunos) visto que, a maioria dos estabelecimentos de ensino não tem o apoio desses profissionais e os cursos de formação acadêmica na região muitas vezes não preparam o professor para trabalhar com a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais).

De acordo com BRASIL (1999), é importante a implementação da inclusão de conteúdos relacionados a língua de sinais, braile na formação dos professores, porém Macedo (2002) afirma que, a inclusão é um caminho de mão dupla, que está diretamente relacionada a forma que o professor tem de se relacionar com seus alunos e assim manter-lhos em sala de aula.

Se uma criança tem dificuldades de aprendizagem ou de convivência em sala de aula, o problema não é unicamente delas, mas também do professor, ou seja, o problema é de todos, o que desafia o professor a refletir sobre a insuficiência de seus recursos pedagógicos, nesse novo contexto, a rever suas formas de se relacionar com seus alunos e buscar novas formas de ensino.

Na perspectiva de Macedo (2002), o professor precisa adaptar seu ensino aos recursos que a escola oferece, para assim promover o avanço da aprendizagem; se não se pode contar com os recursos que é de responsabilidades governamentais, os professores tem que adaptar seus conhecimentos de forma a contribuir para o futuro do aluno.

Questão N° 4

Como trabalhar os mesmos conteúdos em sala de aula heterogênea, sem que nenhum aluno se sinta prejudicado? Até porque o ritmo de um aluno deficiente pode ser inferior a um normal.

Sujeito 1: *“Busco trazer para sala de aula uma metodologia de fácil acesso para todos, e de acordo com o ritmo deles eu vou aumentando o grau de dificuldade, mas sempre de acordo com os limites dos alunos.”*

Sujeito 2: *“Os conteúdos foram trabalhados de forma normal, pois os alunos tinham apenas deficiência física e acompanhavam o ritmo dos demais normalmente.”*

Sujeito 3: *“Tento trazer o conteúdo para a realidade do aluno e utilizo uma metodologia fácil e acessível. No caso dos alunos surdos sem a ajuda e acompanhamento de intérprete fica inviável.”*

Sujeito 4: *“Peço sempre compreensão à todos os alunos e que na forma de conscientização eles possam respeitar o ritmo da outra pessoa.”*

Sujeito 5: *“Tento fazer o máximo que posso para que eles se apóiem e compreendam as limitações dos demais, trago sempre atividades que todos acompanhem.”*

Percebe-se que os professores utilizam metodologia fáceis, que aprenderam com a experiência em sala de aula, pois, os órgãos de formação acadêmica não contribuem suficientemente para o conhecimento específico em educação especial e as escolas regulares, que obrigatoriamente recebem todo e qualquer aluno, não possuem todos os recursos necessários para trabalhar com alunos com deficiência.

Mas Mantoan (2005) relata que todo aluno merece uma escola capaz de oferecer-lhes condições de aprender na convivência com as diferenças e que valorize o que eles conseguem entender do mundo e de si mesma. A autora diz que os alunos aprendem das mais diversas formas e nos mais diferentes tempos, e que ensinar não é submeter o aluno a um conhecimento pronto, é promover meios pelos quais, com liberdade e determinação, o aluno possa construir novos saberes, na medida em que seus interesses e capacidades forem avançando

Questão Nº 5

Como educador (a) em uma sala de aula com alunos “diferentes”, o (a) senhor (a) percebe algum tipo de discriminação por parte dos alunos normais para com os deficientes.

Sujeito 1: *“Sim, principalmente quando peço para fazer trabalhos em grupo”.*

Sujeito 2: *“De certa forma sim.”*

Sujeito 3: *“Em efetivo não.”*

Sujeito 4: *“Em partes, há alunos que recepcionam bem, outros se mantêm afastados.”*

Sujeito 5: *“Sim, a discriminação existe por parte de uma minoria de alunos.”*

Em 80% das entrevistas, os professores relataram que existe discriminação, seja ela direta ou indiretamente, os alunos normais preferem fazer seus trabalhos com alunos iguais, ou seja, os que não tem deficiência, isso já é uma forma de exclusão outros simplesmente não querem se aproximar pelo simples fato de considerar esses alunos incapazes de realizar as atividades.

MANTOAN, (2003) faz uma crítica a esse comportamento desnecessário pois, para muitos alunos, a escola é o único espaço de acesso aos conhecimentos. É o lugar que vai proporcionar-lhes condições de se desenvolverem e de se tornarem cidadãos, porém, não se pode admitir exclusão no ambiente escolar.

Questão Nº 6

Quanto aos recursos materiais, a escola dispõe de objetos suficiente para o (a) senhor (a) trabalhar com eficiência e poder desenvolver as atividades referentes a língua portuguesa, com seus alunos?

Sujeito 1: *“Não ainda falta muita coisa, pois a escola possui 12 (doze) salas de turmas, e apenas um data-show para suprir toda demanda.”*

Sujeito 2: *“Não.”*

Sujeito 3: *“Sim.”*

Sujeito 4: *“Sim, a escola é dotada de equipamentos para desenvolver diversas atividades.”*

Sujeito 5: *“Sim, com relação aos recursos materiais acredito não termos problemas nenhum.”*

A falta de recursos materiais dificulta o desempenho da aprendizagem dos alunos e o êxito do trabalho do professor, tornando impossível trabalhar alguns conteúdos sem os equipamentos específicos.

Segundo MANTOAN, (2001), é impossível ensinar sem recursos não só de material, mas em todos os aspectos, ela diz que ainda precisa fazer muitas mudanças: na estrutura física, material e nos membros que compõe a escola, sendo assim é impossível incluir e estimular o trabalho coletivo.

Questão N° 7

Quais são os principais recursos que o (a) senhor (a) utiliza para desenvolver as atividades educacionais, com seu aluno deficiente em sala de aula?

Sujeito 1: *“Data-show, cartazes, quadro, livros, etc.”*

Sujeito 2: *“Métodos normais, pois a deficiência com que trabalho é apenas física.”*

Sujeito 3: *“Quadro, data-show cartazes, etc.”*

Sujeito 4: *“Trabalhos manuais, quebra-cabeças, etc.”*

Sujeito 5: *“Utilizo imagens e formas coloridas diversas.”*

Os professores procuram utilizar os mesmos recursos para todos os alunos, porém, percebe-se que os materiais utilizados não são específicos para as necessidades de alguns alunos que possuem determinados tipos de deficiências, visto que nem sempre as escolas disponibilizam esses materiais.

Segundo Cerqueira e Ferreira (2000), recursos didáticos são todos os recursos físicos, utilizados para nas áreas de estudo ou atividades, sejam quais forem as técnicas ou métodos empregados, tendo por objetivo auxiliar o

educando a realizar sua aprendizagem com eficiência, incentivando o processo de ensino-aprendizagem.

Questão Nº 8

A colaboração/participação da família na educação do aluno portador de deficiência contribui para a evolução da aprendizagem? Como?

Sujeito 1: *“Sim, com o apoio e a participação nas reuniões.”*

Sujeito 2: *“Sim; com muito carinho, atenção e apoio.”*

Sujeito 3: *“Sim. É fundamental o apoio da família, melhorando a autoestima e conscientização da situação do aluno na sociedade.”*

Sujeito 4: *“Sim, ela esta presente na escola e contribui sim, uma vez que reforça o papel do professor no aprendizado.”*

Sujeito 5: *“Com certeza a família é parte fundamental no processo de aprendizagem e desenvolvimento do aluno com deficiência de qualquer natureza.”*

Todos os professores apoiam a participação da família na escola, pois sua colaboração é de suma importância para que os professores possam entender melhor, a situação do aluno deficiente; para assim poder elaborar atividades que os alunos possam se identificar e com isso aumentar as chances de aprendizagem dos mesmos.

Segundo os professores entrevistados, o apoio e carinho dos familiares com seus filhos contribui para o avanço de seus conhecimentos.

Neste sentido os professores concordam com SASSAKI (1997) que afirma que o envolvimento da família nas práticas inclusivas da escola ocorre quando existe entre a escola e a família, uma comunicação; os pais participam das reuniões, no planejamento escolar e compartilham o progresso das crianças, as famílias precisam se reconhecidas pela escola como principais parceiras.

Questão Nº 9

O (a) senhor (a) como educador (a) da rede regular de ensino na qual abrange uma diversidade de pessoas com necessidades educacionais diferentes; tem a sua disposição uma formação continuada oferecida pelos órgãos públicos para da continuidade a sua formação?

Sujeito 1: *“Não, nunca tive.”*

Sujeito 2: *“Não, no momento não.”*

Sujeito 3: *“Não.”*

Sujeito 4: *“Não, o governo não tem interesse nesse tema, ou se tem é algo discreto, sem muito estardalhaço, é algo muito tímido ainda hoje.”*

Sujeito 5: *“Existe sim curso de formação oferecido pelo estado, onde dá suporte aos professores trabalhar com diferentes deficiências.”*

Na nona questão, percebe-se que 80% dos entrevistados não recebem uma formação continuada; de acordo com as respostas dos entrevistados; um apoio suplementar à sua formação, faria muita diferença de forma positiva para o sucesso do professor e por sua vez o avanço da aprendizagem.

A formação continuada ajuda o professor repensar sua prática pedagógica, abrir novos horizontes para novas práticas, pois a sala de aula é uma produção de saberes e desenvolvimento de competências, é por essas e tantas outras causas que precisa-se de investimentos voltados para esses profissionais da educação que buscam a cada dia a evolução da sociedade por meio da educação.

Segundo MARIN, (2005) a formação continuada consiste em propostas que visem à qualificação, à capacitação dos professores para uma melhoria de sua prática, no domínio de conhecimentos e métodos de seu campo de trabalho.

Mas em contra partida Santos, (2002) diz que não se pode mais esperar pelo poder público e sim, trabalhar com aquilo que se tem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação de professores deve ser concebida como um dos componentes da mudança, em conexão estreita com outros sectores e áreas de intervenção, e não como uma espécie de condição prévia da mudança. A formação não se faz antes da mudança, se faz durante[...] (NÓVOA, 1995, p.28)

Com essa pesquisa objetivou-se verificar a formação dos professores de português em relação a crianças e adolescentes com necessidades especiais.

Para o alcance do objetivo geral desse trabalho, foi feita uma revisão bibliográfica com o objetivo de entender os fundamentos teóricos para que se faça uma educação inclusiva de qualidade. Após diagnosticar a problemática existente no ensino inclusivo: tanto na formação do professor quanto na estrutura dos estabelecimentos de ensino, foram pesquisada algumas sugestões de aprimoramento para que se possa fazer uma mudança no quadro educacional, realizou-se uma pesquisa com professores da educação fundamental II e do ensino médio, que ensinam em escolas públicas, a fim de detectar as principais dificuldades enfrentadas por eles. A pesquisa realizada evidenciou registro que merecem ser destacados: A má formação acadêmica, que não prepara o discente para trabalhar com alunos com deficiência, a falta ou ausência de recursos adequados para o ensino inclusivo e a inadequação das escolas que não possuem arquitetura adequada para receber os referidos alunos.

A partir da análise qualitativa e da pesquisa de campo constatou-se o que já havia sido destacado através das referências bibliográficas: os professores entrevistados, em sua maioria relataram que passam por muita dificuldades, seja referente à falta de experiência ou à falta de recursos materiais em sala de aula, no entanto não lhes faltam a força de vontade em colaborar para o avanço da aprendizagem dos estudantes com necessidades educacionais especiais.

Apesar de tantas lutas e barreiras que já foram rompidas referentes à inclusão educacional, os entrevistados relataram que ainda há a presença de

algum tipo de exclusão, existe alunos que não se aproximam dos demais que apresenta deficiência pelo simples fato de serem diferentes.

Em síntese, pode-se afirmar que a educação voltada para os alunos com deficiência tem alcançado grandes avanços, porém ainda tem muito a se fazer, tanto no meio político, na formação do professor, nos recursos para oferecer-lhes melhores condições de trabalhos como também no meio social, onde as famílias e sociedade em geral precisam se conscientizar de que o respeito a diferença (não nos faz ser melhor ou pior, do que ninguém, só assim acabará com o preconceito existente em sala de aula) é o ponto de partida para uma promoção inclusiva.

REFERÊNCIAS

Acessibilidade, Inclusão Social e Direitos Humanos. Disponível em: <http://www.bengalalegal.com/desafios.htm>. Acesso em 11 de jun, 2014.

A Deficiência. Disponível em: <http://www.deficiencia.no.comunidades.net/index.php?pagina=1115276908.htm>. Acesso em: 10 de maio. 2014.

ALARCÃO I. Ser professor reflexivo. In-----(org) *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora 1996.

AMARAL, Lígia Assumpção. *Pensar a Diferença/ Deficiência*. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 2001.

ARROYO, Miguel G. *Ofício de Mestre: Imagens e auto imagens* 10.ed- Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

----BRASIL, *Estatuto da Criança e do Adolescente*, 7ª Ed, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990- São Paulo, janeiro de 1999.

----BRASIL, *Decreto Nº 6.949*, de 25 de agosto de 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm. Acesso em: 03 de fev. 2011.

----BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*(1990). Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.-Brasília: Secretaria do Estado dos Direitos Humanos, Departamento da Criança e do Adolescente, 2003.

----BRASIL. *Ministério da Educação e Cultura Secretaria Geral*. Centro Nacional de Educação Especial. Plano Nacional de Educação Especial, 1977/1979. Brasília: MEC. CENESP, 1977.

CARVALHO, S. H. *Construindo o saber: metodologia científica – fundamentos e técnicas*. 17. Ed. São Paulo: Papirus, 2006.

CERQUEIRA, J. B.; FERREIRA, M. A. *Os recursos didáticos na educação especial*. Rio de Janeiro: Revista Benjamin Constant, 15. ed., abril de 2000.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. *Educação Escolar: políticas, estrutura e organização*/ José Carlos Libâneo, João Ferreira de Oliveira, Mirza Seabra Toschi-5.ed.-São Paulo: Cortez, 2007.

MACEDO, Lino. Fundamentos para uma Educação Inclusiva. (on line). Disponível em <http://www.educacaoonline.com.br>. Acesso em 30/set/2002.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. A Hora da virada. In: *Inclusão: revista de educação especial*/ Secretaria de educação Especial. Vol.1, nº1 (out.2005). Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2005.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Pensando e Fazendo Educação de Qualidade*. São Paulo: Moderna, 2001.

MARIN, Alda Junqueira. *Didática e trabalho docente*. Araraquara: Junqueira e Marin, 2005.

MAZZOTTA, Marcos José Silveira. *Educação Especial no Brasil: História e políticas públicas*, 5.ed – São Paulo: Cortez, 2005.

MONTEIRO, Ana Paula Húngaro & MANZINI, Eduardo José. *Mudanças nas concepções do professor do ensino fundamental em relação à inclusão após a entrada de alunos com deficiência em sua classe*. Marília, Jan.-Abr. 2008, v.14.n.1.

NÓVOA, A. *Os professores e sua formação*. 2.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995

RODRIGUES, David. *Inclusão e educação: Doze Olhares Sobre a Educação Inclusiva* São Paulo: Summus, 2006.

ROTH, Berenice Weissheimer, *Experiências educacionais inclusivas: Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade*, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação especial, 2007.

SANTOS, Mônica P.dos; ALVES, Renata V.; GONZAGA, Sandra A. *Educação especial: redefinir ou continuar excluindo?* Secretaria de Educação Especial.

SASSAKI, Romeu Kazumi,, Inclusão: *Construindo uma Sociedade para Todos*, SãoPaulo, 1997.

STAINBACK; STAINBACK Susan e William, Inclusão: *um guia para educadores*/ Porto Alegre: Artmed, 1999.

APÊNDICE - Questionário (professores)

1. Sua formação acadêmica contribuiu para seu desempenho com relação a execução de sua função como educador(a) de alunos com deficiência especial?
2. A lei diz que é dever do estado oferecer atendimento educacional aos portadores de deficiência, de preferência na rede regular de ensino. (BRASIL, 2003). Do seu ponto de vista, seu aluno que possui deficiência, esta incluso, ou apenas integrado em sala de aula?
3. Quais são as dificuldades mais frequentes que o (a) senhor (a) enfrenta para desenvolver as atividades de língua portuguesa com seus alunos portadores de deficiência?
4. Como trabalhar os mesmos conteúdos em uma sala heterogênea, sem que nenhum aluno se sinta prejudicado? Até porque o ritmo de um aluno deficiente pode ser inferior a um normal.
5. Como educador (a) em uma sala com alunos “diferentes”, o (a) senhor (a) percebe discriminação por parte dos alunos normais para com os que possuem algum tipo de deficiência?
6. Quanto aos recursos materiais, a escola dispõe de objetos suficiente para o (a) senhor (a) trabalhar com eficiência e poder desenvolver as atividades referentes a língua portuguesa, com seu aluno?
7. Quais são os principais recursos que o (a) senhor (a) utiliza para desenvolver as atividades educacionais, com seu aluno deficiente em sala de aula?
8. A colaboração/participação da família na educação do aluno portador de deficiência contribui para a evolução da aprendizagem? Como?
9. O (a) senhor (a) como educador (a) da rede regular de ensino na qual abrange uma diversidade de pessoas com necessidades educacionais diferentes; tem a sua disposição uma formação continuada oferecida pelos órgãos públicos para dá continuidade a sua formação?